

t / livro

Formato **XL** para um pintor **gigante**

Privou com cardeais e prostitutas, teve uma vida pródiga em episódios violentos e morreu inesperadamente aos 38 anos. Celebra-se este ano o 4.º centenário da morte de Michelangelo Merisi da Caravaggio. A Taschen assinala a data com um livro monumental sobre 'o mais moderno dos velhos mestres'

Texto de JOSÉ CABRITA SARAIVA

A SUA VIDA FOI como a sua pintura: violenta, emocionante, rica em contrastes. Alguns biógrafos (também eles pintores, note-se, e por isso talvez motivados por sentimentos de inveja) referem a sua personalidade 'sombria'. Mas ninguém pôs em causa o seu talento, muito embora a sua fama permanecesse 'adormecida' após a morte do pintor e até ao início do século XX.

Caravaggio nasceu a 29 de Setembro de 1571, dia do arcanjo S. Miguel, e por isso recebeu o nome de Michelangelo. Com 20

anos foi para Roma, como tantos pintores, em busca de fama e prestígio. As suas primeiras pinturas denotam já uma especial propensão para representar momentos de dor. Numa delas, **Rapaz Mordido Por um Lagarto**, de 1593/94, a figura principal contorce-se horrorizada sob a impressão provocada pela dentada do réptil, escondido num cesto de frutas. Noutra, a Virgem esmaga com o pé descalço a cabeça de uma cobra. Mais tarde, o pintor haveria de se especializar em martírios, torturas e cabeças cortadas.

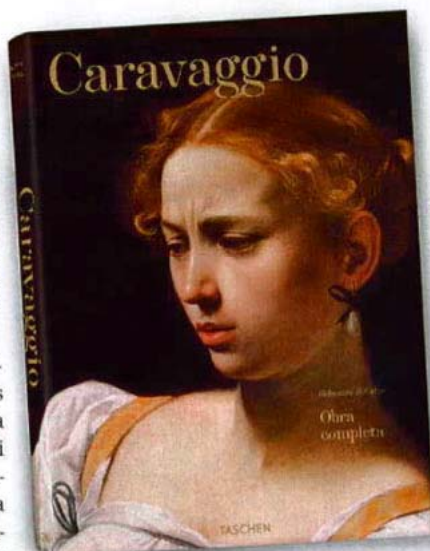


O Martírio de S. Mateus,
1599/1600
(Roma, Igreja de S. Luis dos Franceses, Capela Contarelli)

Em 1595 Caravaggio conhece o seu futuro mecenas e protetor, o cardeal Francesco Maria Del Monte, que lhe abre as portas das altas hierarquias da Igreja e da nobreza romana. Na companhia de amigos pintores, porém, Caravaggio gosta de deambular pelas ruas de Roma à noite, em bares, bordéis e casas de jogo. Portanto o pintor conhece bem a realidade que retrata em **Os Batoteiros**, de 1595/96.

Perto de 1600 atinge o pico de fama, começando a receber grandes encomendas da Igreja, nomeadamente o ciclo para a Igreja de São Luís dos Franceses. Aqui podem testemunhar-se as principais qualidades que haveriam de lhe garantir a posteridade: o cruzamento entre o realismo cru e o significado alegórico; o gosto por composições monumentais cuidadosamente encenadas (**O Martírio de S. Mateus** tem uma superfície de dez metros quadrados!); o domínio da representação da anatomia; e o recurso a contrastes de luz e sombra que conferem uma intensidade e dramatismo únicos à sua pintura.

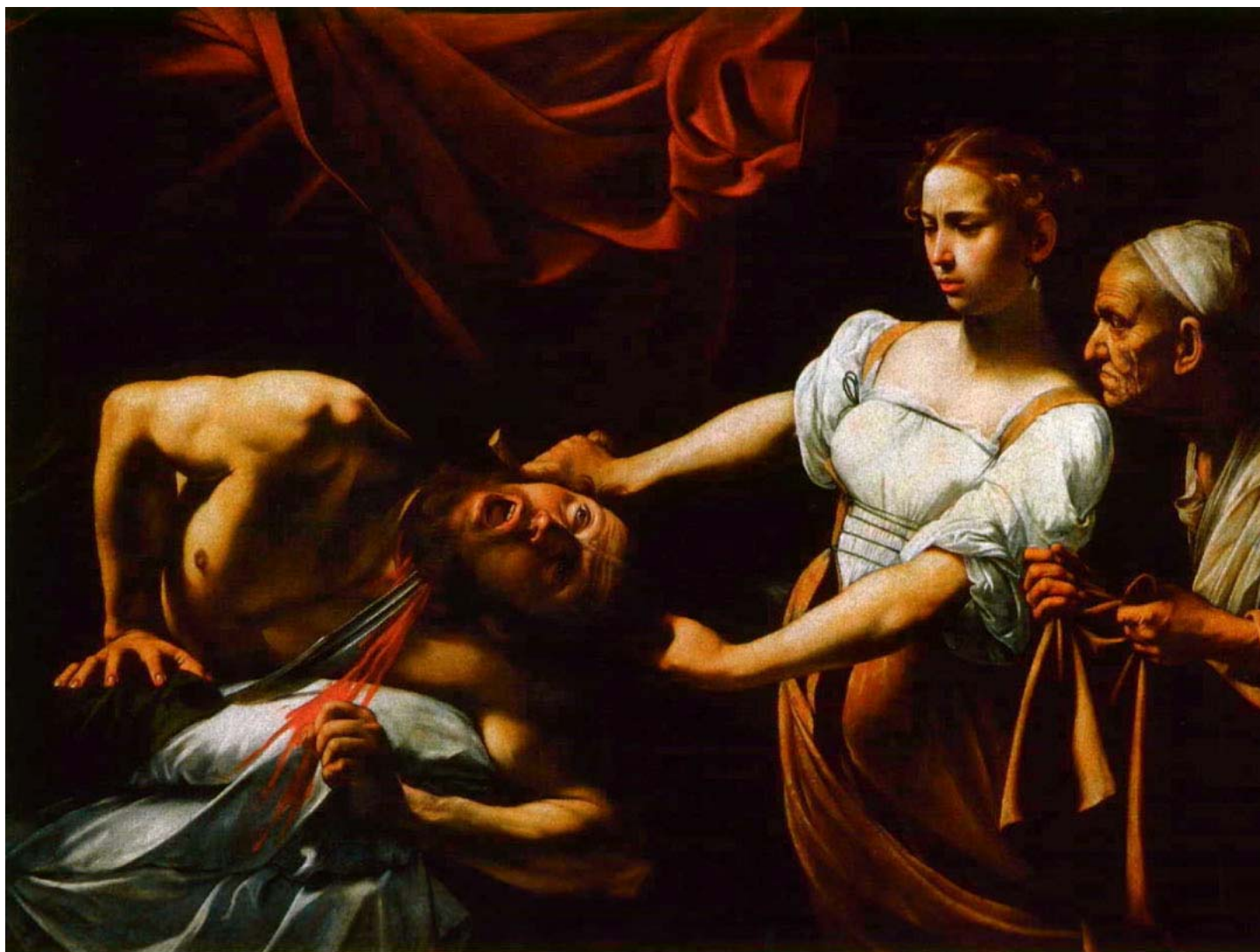
Entretanto, Michelangelo Merisi vive como pinta: de forma radical e apaixonada. As incursões nocturnas do pintor e seus amigos não estão isentas de perigos: envolvem-se em rixas e cenas de pancadaria frequentes. Os registos criminais refe-



NO MESMO ANO EM QUE FERE GRAVEMENTE UM NOTÁRIO, atinge a glória ao pintar um retrato do Papa Paulo V

rem-no por mais de uma vez por porte ilegal de arma. Em 1605 fere com gravidade um notário, na sequência de uma discussão sobre uma mulher. Esse é, ao mesmo tempo, o seu ano de glória como pintor, em que realiza o retrato do Papa Paulo V.

No ano seguinte, porém, as coisas já não correm tão bem e chegam mesmo a descontrolar-se. O retábulo **A Morte da Virgem** é recusado pelos Carmelitas Descalços por 'indecência'. Fontes de então dividem-se quanto à causa: enquanto →



Judite e Holofernes. 1598/99 (Roma, Palazzo Barberini); a cortesã Fillide Melandroni, que serviu de modelo para Judite, esteve envolvida na disputa que levou Caravaggio a ferir de morte Ranuccio Tomassoni. Em baixo: reprodução completa da pintura das páginas anteriores. O Martírio de S. Mateus



uns advogam que foi por a Virgem ter as pernas à mostra, outros dizem que, sacrilégio dos sacrilégios, Caravaggio usou como modelo uma prostituta encontrada morta no Tibre.

Em 28 de Maio de 1606, na sequência de um jogo de *pallacorda*, um antepassado do ténis, o pintor vê-se numa discussão mais acalorada que também envolve uma mulher: A mulher é a cortesã Fillide Melandroni, que aparece como Judite

**MATA UM HOMEM
NUMA DISCUSSÃO
COM ORIGEM
num jogo de ténis
e que também
envolve
uma cortesã**

Edição de luxo A PREÇO DE AMIGO

Há livros que, pela sua raridade, fragilidade ou preciosidade, têm de ser manuseados com luvas. Caravaggio: *As Obras Completas* não é nada disso: nem raro, nem frágil (pelo contrário), nem precioso. E, no entanto, seria conveniente que a obra viesse acompanhada de um par de luvas para evitar as indesejadas dedadas sobre as sumptuosas ilustrações. De facto, as reproduções em grande formato, com abundância de pormenores, são tão conseguidas que merecem um cuidado especial. E a fidelidade aos originais não se afigura tarefa fácil quando se pega num pintor com um gosto particular por fundos escuros e sombras pronunciadas.

São, mais coisa menos coisa, 4 kg de erudição e deleite para os olhos espalhados por cerca de 300 páginas.

Sebastian Schütze, o autor, foi investigador no Instituto Max Planck de História da Arte e leccionou Arte Barroca numa universidade canadiana. É professor de História da Arte na Universidade de Viena.

CARAVAGGIO: AS OBRAS COMPLETAS
SEBASTIAN SCHÜTZE
TASCHEN
306 PÁGS., C99



em *Judite e Holofernes*, uma história bíblica em que a jovem seduz o general inimigo para depois o degolar. Na pintura, Judite surge com uma expressão de repugnância enquanto corta o pescoço de Holofernes, donde jorra sangue em abundância. A seu lado, a velha criada de olhos arregalados constitui o contraponto ideal para realçar a beleza e frescura da jovem rapariga.

A contenda que começou com uma derrota do pintor num jogo de ténis acaba com a morte de Ranuccio Tomassoni, e Caravaggio vê-se obrigado a fugir. Primeiro refugia-se numa propriedade de amigos poderosos nos arredores de Roma, mas depois vê-se obrigado a retirar-se para Nápoles, à época de longe a maior cidade de Itália, com 300 mil habitantes.

Começa aqui um período rico em aventuras e atribulações. Ainda deixa a sua marca em Nápoles, mas em 1607 parte para Malta. Aí conhece uma nova fase de bonança: pinta o retrato do grão-mes-

A SUA EXPULSÃO DA ORDEM DE MALTA é decretada numa cerimónia que decorre mesmo diante de um altar por si pintado

tre da Ordem e, após muitas manobras diplomáticas e jogadas de bastidores, é feito cavaleiro de Malta. Mas em meados de Agosto de 1608 envolve-se noutra rixa donde outro cavaleiro sai ferido, e é preso. Consegue escapar da prisão, certamente com a convicência e ajuda de terceiros, para a Sicília, o que leva à sua expulsão da Ordem de Malta, numa cerimónia que, por ironia, decorre mesmo diante de um altar por si pintado um ano antes. Deambula de cidade em cida-

de na Sicília, onde não lhe faltam encomendas. E regressa a Nápoles em 1609. Novo episódio violento, mas desta vez Caravaggio é a vítima: sofre um ataque à porta da Osteria del Cerriglio, onde costuma ir comer. Fica desfigurado – procurando uma motivação para o facto, o historiador da arte britânico Andrew Michael Graham-Dixon notou que «se um homem ofendia a honra de outro podia ficar com a cara cortada».

Apesar desse incidente, o pintor está confiante em que a sua sorte pode mudar e que o Papa tenciona perdoar-lhe os crimes passados. Dirige-se para Roma em 1610, mas ao desembarcar é preso, ficando as pinturas que traz consigo a bordo do navio, que segue para Porto Ercole. Libertado, segue o rasto das pinturas, para as resgatar. Acaba por morrer ali quando nada o fazia prever, em circunstâncias ainda por explicar. Uma morte tão misteriosa quanto as suas pinturas e a sua vida.

jose.c.saraiva@sol.pt

Pormenor
de **Rapaz com
Cesto de Fruta**,
1593/94
(Galeria
Borghese)